

Câmara Municipal de São Paulo

Folha nº	02	de proc.
n.º	72	de 1999
Ass. Téc. Direção I		

Gabinete Vereador Toninho Paiva

JUSTIFICATIVA

A propositura tem por objetivo conceder o Título de Cidadão Paulistano ao radialista MILTON NEVES FILHO, nascido no dia 06 de agosto de 1951, na cidade de Muzambinho, Minas Gerais.

É filho de Milton Neves e Carmen Fernandes Neves.

Casado com Lenice Chame Magnoni, são seus filhos Rafael Eduardo Magnoni Neves, Fábio Lucas Magnoni Neves e Milton Neves Neto.

Milton Neves iniciou sua festejada carreira na Rádio Jovem Pan, no início da década de 70.

Merecidamente, foi agraciado com os prêmios "Ford da Associação dos Cronistas Esportivos do Estado de São Paulo - ACEESP", Troféu da APCA" (Associação Paulista dos Críticos de Arte), outorgados pelo seu programa "Terceiro Tempo". Álias, este programa já ganhou 246 prêmios. Publicitário, é diretor da Agência Terceiro Tempo.

Vem também apresentando, pela Televisão Bandeirantes, os programas "Super Técnicos" e "Gol: a maior emoção".

Outras informações a respeito de sua brilhante carreira, estão inseridas no documento que segue anexo a este projeto de decreto legislativo.

HISTÓRIAS DO FUTEBOL

por Milton Neves

Editorial



HISTÓRIAS DO FUTEBOL

por Milton Neves

Folha n.º 041 de proo.
D.º 25 de 1999
Noemia M. S. Miranda
Ass. Téc. Direção I



Página 1
Editorial

Ao Leitor

Se foi difícil definir o primeiro nome para contar as histórias do futebol que inauguram esta série, por outro lado a escolha de Milton Neves revelou-se a mais certa possível no lançamento da revista. Afinal, milhões de ouvintes, apreciadores desse esporte chamado futebol, que provoca paixões pelo Brasil, conhecem a forma descontraída e simpática como ele vai narrando esses casos durante os plantões e o consagrado Terceiro Tempo da rádio Jovem Pan. Milton Neves é uma unanimidade entre o torcedor do futebol porque foi assim que ele iniciou seu namoro com o esporte, torcendo para o grande Santos de Pelé no início da década de 60. Aliás, o mesmo Pelé que de ídolo tornou-se seu amigo e companheiro de um comercial para a televisão. Mas Milton Neves não vai esgotar as histórias do melhor futebol do mundo. Outros personagens ilustrarão os próximos números desta revista.

Os Editores

Av. São Gabriel, 555 - cj 608
Itaim Bibi - São Paulo - SP
Tel/Fax:(011) 851 4037 - CEP 01435-001

HISTÓRIAS DO FUTEBOL

por Milton Neves

Editores:

Horley Chiodi
Wagner Chiodi

Editor Executivo:

Adonis Alonso

Editoração:

G/Graphics
Tel/Fax: (011) 570 9796

Fotolito:

RR Fotolito
R. Agostinho Gomes, 1669
São Paulo - SP
Tel.: (011) 915 8161 - CEP 04202-020

Impressão:

Takano Fotolito & Gráfica
Av. Dr. Silva Melo, 45
São Paulo - SP
Tel.: (011) 524 2322 - CEP 04675-010

Distribuição:

Fernando Chinaglia Distribuidora S.A.
R. Teodoro da Silva, 907
Rio de Janeiro - RJ
Tel.: (021) 577 6655 - CEP 20563-000

Publicidade:

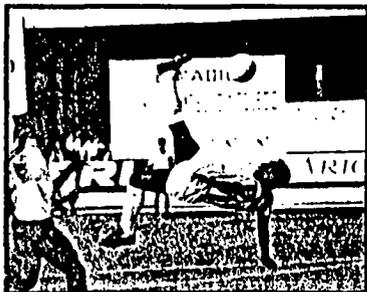
Tel/Fax: (011) 851 4037
(Marcelo Kuguimoto)

Jornalista Responsável:

Adonis Alonso
MTb 11.026

O TORCEDOR

10



A VIAGEM

20



ÍNDICE

Os Craques de Muzambinho	06	Uma aventura em Curitiba	20
A Torcida foi na Kombi	08	Um certo anúncio na Folha	22
Um Santista Fanático	10	De cabeça para baixo	24
Rádio Phillips um grande amor	12	A vaga que ninguém queria	26
Uma voz na quermesse	14	Até o próximo bicentenário	28
Vou trabalhar na Bandeirantes	16	Um sucesso de 12 anos	30
Álbum	18	Deus foi bom demais comigo	32

OS CRAQUES DE MUZAMBINHO

Pachá, Fominha e Corote eram os grandes craques da cidade e da Região na infância de Milton Neves. Nenhum deles chegou a jogar profissionalmente.

Naquele 6 de agosto de 1951, Muzambinho não fez festa. Hoje, quarenta e tantos anos depois, já tem motivos para comemorar a data de nascimento de um de seus filhos mais ilustres.

O Brasil começava a esquecer do fracasso da Copa de 50, e no lugar da tristeza da tragédia do Maracanã surgia a admiração por uma nova geração de craques. No final da década eles enfim dariam o sonhado título mundial de futebol ao País.

Milton Neves Filho conviveu pouco com o pai, de quem herdou o nome. O suficiente, porém, para lembrar das tardes em que ele ficava na varanda de seu sítio "Invernada", em Monte Belo, que lá chamavam de alpendre, colado no radinho de pilha Mitsubishi.

Além do rádio que mantém até hoje de recordação, Milton Neves guarda na memória os elogios que o pai fazia ao volante Écio, do Vasco da Gama.

Natural de Areado e criado em Varginha, "seo" Milton viveu também em Monte Belo e casou em Muzambinho, com dona Carmen. Autêntico mineiro, sofreu entretanto a influência das transmissões esportivas cariocas, que chegavam com força em Varginha.

Assim, Milton Neves cresceu

ouvindo do pai as histórias fantásticas do paulista Écio, nascido em Vinhedo, e seus companheiros do supertime do Vasco da Gama, como Paulinho, Bellini, Pinga e Coronel.

Com a morte do pai, em 1960, Milton, dona Carmen e seu irmão mais velho, Homero, foram viver na casa da professora Antonia Carlos Fernandes, irmã de dona Carmen. Ela assumiu os sobrinhos como filhos e passou a comandar as despesas da família.

Com 10 anos de idade, em 61, o garoto Milton Neves tentava sem sucesso jogar futebol. E apesar de achar que é a pessoa pior dotada para

praticar esse esporte, iniciou de criança uma paixão incontrolável pela bola.

Sem dinheiro para frequentar o minúsculo estádio Professor Antonio Milhão, de Muzambinho, assistia aos jogos sentado no muro da casa da costureira Marta Borges,

"CRESCI OUVINDO DE MEU PAI OS ELOGIOS PARA O MARAVILHOSO TIME DO VASCO, QUE TINHA BARBOSA, BELLINI, PINGA E VAVÁ. PRÁ ELE, ÉCIO ERA O MÁXIMO."



Écio, quarto a partir da esquerda, em pé, no timaço do Vasco

Montanari roubou o lugar de Glóvis no time e não conseguiu no futebol carioca para poder atender aos apelos da namorada Maria Pires, que o preferia de volta a Muzambinho trabalhando no Banco Moreira Salles, hoje Unibanco.



Milton, quarto à esquerda, em pé, tentando ser jogador

amiga da família.

Com olhar de pidão, inva-riavelmente convencia o porteiro "seo" Bruno a deixá-lo entrar para assistir o segundo tempo ao vivo.

Misturado aos 1.500 torcedores, lotação máxima do estádio, o garoto Milton fez de Muzambinho seu primeiro mundo futebolístico. Até hoje guarda na lembrança os nomes dos craques da cidade que se degladiavam nos jogos entre o Bandeirante, a Escola Agrícola e o Comércio. Eram Pedrinho, Candóca, Camila, Fominha, Cavadeira, Corote, Ivan Surdão, Cuiabano, Tente e Tôti entre outros.

Em Guaxupé, filho de abastada família, dona da Viação Nasser, Pachá era tão rico quanto bom de bola e bonachão. Para João Avelino, mineiro de Diamantina e técnico famoso nos anos 60 e 70, Pachá foi o melhor centroavante que ele já viu jogar. "Até melhor que Vavá, Coutinho, Pagão, Toninho Guerreiro e Romário", afirma o 71.

Pachá deixou passar muitas chances de jogar em grandes times. Deixou passar também o bonde da vida. Recentemente, amparado em

boas lembranças procurou Milton Neves nos estúdios da Jovem Pan. Morando em São Paulo, trabalha com camisas. A família perdeu a empresa de ônibus e ele teve que recuperar no comércio o sustento que poderia ter garantido com o futebol.

Disputando o campeonato sul mineiro com a Caldense de Poços de Caldas, Esportiva de Guaxupé e Cruz

"O PRIMEIRO TEMPO EU ASSISTIA DE CIMA DO MURO DA CASA DA COSTUREIRA. NO SEGUNDO PEDIA PRO "SEO" BRUNO PORTEIRO E ENTRAVA NO ESTÁDIO."

Preta de Alfenas, o Bandeirante de Muzambinho tinha ainda outros craques, como Fernando Montanari.

Milton Neves recorda bem desse nome porque sempre achou que craque deveria ter nome pomposo. Por isso, prefere Fernando Montanari a "Fominha", o apelido do jogador.

Levado ao Fluminense do Rio pelo doutor Vicente Rondinelli,

PLANTÃO DA COPA

Pioneira na criação do plantão esportivo, e do Terceiro Tempo tão copiado, a Pan também foi a primeira a implantar o Plantão na Copa. Até então, nenhuma emissora de rádio havia deslocado um profissional de estúdio para cobrir a competição. Milton Neves e suas histórias inovaram na Itália, em 90, comandando os programas esportivos da Jovem Pan direto de Roma a sede do mundial. Em 94 a emissora repetiu o esquema de Dallas, no Texas. Na Itália, colocando no ar o incrível gol de Rincon (Alemanha 1 x 1, Colômbia) narrado pelo locutor Edgar Perea da Rádio Caracol de Bogotá, Milton Neves conseguiu pela Jovem Pan "o mais importante e emocionante momento do rádio da Copa da Itália" segundo a folha de São Paulo em texto assinado por Marcos Cézari.

A TORCIDA FOI NA KOMBI

O Santos ganhou de dois a zero sem torcida. Só Milton Neves vibrou com o Gol de Pelé que furou a rede e enganou todo mundo, menos ele.

Melhor time da década de 60, o Santos nunca tivera nas arquibancadas um de seus torcedores mais fanáticos. A chance apareceu em 65, segundo turno do Campeonato Paulista. Moisés, comerciante de Muzambinho, organizou uma excursão da cidade para assistir à uma apresentação do Santos em Ribeirão Preto, a menos de 150 quilômetros de distância.

Tia Antônia não queria deixar, mas diante da insistência de Moisés e Amintas, sensibilizados com a vontade do garoto, acabou cedendo. E assim Milton Neves, aos 14 anos, preparou-se para assistir seu primeiro jogo de futebol profissional ao vivo.

Lotada com dez muzambinhenses, que dividiram o dinheiro da gasolina e separaram o do ingresso, lá foi a Kombi às 8 horas da manhã de um ensolarado domingo para a estrada.

Milton Neves não consegue esquecer esta aventura. Tudo para ele era a primeira vez. Nunca havia saído de Muzambinho para ir tão longe. Jamais havia comido em um restaurante. Pela primeira vez experimentou palmito, nunca tinha tomado um suco com gelo picado. Era um verdadeiro "tucura", como ele mesmo define. Pediu licença, justificou a fome aos amigos e comeu um espeto inteiro.

Às duas da tarde chegaram à porta do novíssimo Estádio Palma Travassos, em Ribeirão Preto. E para quem só havia frequentado o campo de Muzambinho, o estádio do Comercial, com capacidade para cerca de 20 mil pessoas, era um "monstro".

Milton não fazia idéia do

"O Edu tinha quase a minha idade, 15 anos, e acabou com o zaqueiro Esmeraldo, que suspenso jogou na preliminar. Driblava sem parar, o jogo inteiro."

número de pessoas que lá estavam para assistir àquele Santos e Comercial, mas na sua cabeça inexperiente fez as contas e concluiu: tinha um milhão de pessoas dentro e outro milhão fora.

No meio de tanta gente, Milton ainda conseguiu se perder enquanto cada um ia se ajeitando para cada lado. Assustado, encostou na Kombi e já havia decidido ficar ali até o jogo acabar, sem mesmo assistí-lo, quando apareceu o amigo "Biga" que o levou para dentro do Estádio. Até hoje ele

não contou aos amigos que estava ali assustado, perdido. Sentado na arquibancada, a primeira alegria: num vão dos degraus viu Rosã, o grande Rosã, goleiro do Comercial que também jogou na Ferroviária, Santos e Palmeiras. "Meu Deus", exclamou o garoto Milton Neves, sem acreditar que aqueles ídolos que via na televisão e imaginava enormes, eram homens comuns, como ele.

Antes do jogo principal, assistiu à partida preliminar e pela primeira vez ouviu falar de um



Edu, show de bola aos 15 anos

jogador que cinco anos depois seria tricampeão mundial quase sem jogar: Edu, ponta-esquerda do Santos, um garoto como ele, na época com 15 anos de idade. Edu acabou com a preliminar driblando sem parar o zagueiro Esmeraldo, que suspenso jogava naquele dia no time de baixo. No ano seguinte seria um dos 22 de

"PRA MIM, O ESTÁDIO DO COMERCIAL ERA UM MONSTRO. A IMPRESSÃO ERA QUE TINHA UM MILLIÃO DE PESSOAS DENTRO E OUTRO MILLIÃO DO LADO DE FORA."



Comercial de Ribeirão Preto, o primeiro jogo

Feola na Copa da Inglaterra.

O Comercial tinha um grande time na época. Milton sabia de cor: Rosã, Ferreira, Jorge, Piter e Nonô; Hélio Giglioli, Jair Bala e Amauri; Luiz, Paulo Bim e Carlos Cesar. O técnico era Alfredinho Sampaio.

Mas ninguém era páreo para o Santos de Lula, escalado com Gilmar, Carlos Alberto, Mauro, Orlando e Geraldino; Joel e Lima. Dorval, Toninho, Pelé e Pepe.

Anestesiado com toda aquela

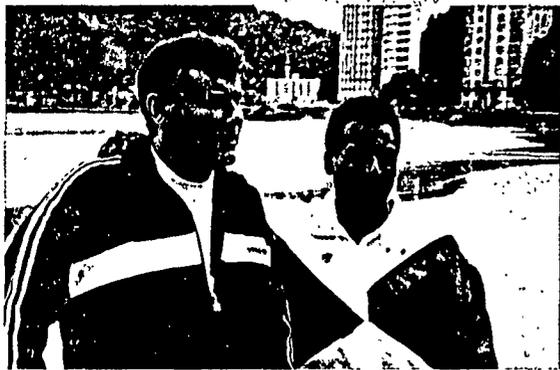
grandeza que via pela primeira vez na vida, Milton Neves só foi prestar atenção no jogo quando lhe chamaram atenção. Até então, ficava olhando para o reservado da Rádio Bandeirantes, admirando Fiori Gigliotti no seu trabalho de narrador.

Nos primeiros 15 minutos de jogo só deu Comercial. Pressão total do time da casa e todo o estádio torcendo por ele. Menos Milton, é claro, que vibrou baixinho quando o

"crioulo" Piter fez penalti em Pelé. Um olho na bola, outro no Fiori e ouvido no rádio. Pelé bate, Fiori diz que foi fora, o estádio vibra, mas os jogadores do Santos se abraçam. A bola furou a rede: mais um gol de Pelé. O Santos ainda fez mais um (Dorval), ganhou de 2 a 0 e o garoto Milton Neves voltou para Muzambinho nas nuvens. Melhor estréia num jogo profissional não poderia ter ocorrido. ■

LUZES, CÂMERA, MULTIDÃO

Não é muito fácil conseguir um espaço na agenda do empresário Edson Arantes do Nascimento para gravar um comercial se o cachê não estiver à altura do prestígio de Pelé.



Um empreendimento imobiliário em São Vicente, porém, conseguiu sensibilizar o rei do futebol. Afinal, sua ligação com a baixada santista representa a maior parte de sua vida e seu sucesso. Foi assim que ele concordou em gravar um comercial tendo pela primeira vez um companheiro: o admirador, fã e amigo Milton Neves. Adiado por três dias consecutivos em virtude de chuvas, o comercial foi enfim produzido debaixo de água mesmo, já que Pelé tinha viagem mar-

cada. Milton conta que quando ele e Pelé começaram a correr na deserta praia do Gonzaguinha, às 11 horas de uma manhã cinzenta, foi como se um botão mágico tivesse sido apertado. Em minutos, uma multidão calculada em mais de dez mil pessoas começou a se espremer na calçada para reverenciar sua magestade, o rei do futebol, mesmo que muitos anos depois dele ter abandonado sua carreira. No meio da multidão um garoto com uniforme da Telesp, gritou: "Ô Milton Neves: quem é esse negão aí do seu lado?". Portanto perdi do Pelé só por 9.999 a 1.



Santos de 63, também campeão mundial

E como era de costume na década de 60, Pelé foi logo fazendo dois gols em cima do Corinthians, o que motivou a comemoração dos garotos e despertou a ira do primo. De uma só tacada, expulsou Milton e João Mula da casa. Expulsos mas contentes, vibrando com mais uma vitória do Santos.

Televisão, então, era um sonho em Muzambinho. A primeira delas apareceu em 1963, na casa de Geraldo Coimbra, dono do cartório da cidade. E apesar das senhoras católicas de Muzambinho acharem a geringonça uma coisa do demônio, a garotada estava louca para assistir um jogo de futebol naquela maravilha da tecnologia.

A oportunidade surgiu no final

do ano, quando a então famosa TV Tupi ia mostrar ao vivo, do Maracanã, a decisão do título mundial de clubes entre Santos e Milan. Uma decisão que teve três jogos.

Geraldo não gostou da idéia, mas acabou colocando a televisão na janela da casa, bem no centro da Praça

"FIQUEI ATÉ ÀS DUAS DA MADRUGADA ESPERANDO O TAPE DE SANTOS E PRUDENTINA. ENQUANTO ISSO, RANDOLPH SCOTT, MATOU MAIS DE MIL ÍNDIOS COM UM ÚNICO REVÓLVER."

dos Andradas, que ficou lotada. Sentados na rua mesmo atrapalhados

Folha n.º 09 de pro. n.º 200
pelos chuveiros da imagem, os muzambinhenses puderam assistir seu primeiro jogo na TV. Entre eles, claro, Milton Neves comemorando a vitória por 1 a 0, gol de Dalmo de penalti, e o título para o Santos, mesmo jogando sem Pelé e com o saudoso Almir.

Dá para frente, a palavra de ordem era pegar "carona" nas casas dos outros " milionários" de Muzambinho que foram comprando suas elegantes Colorado RQ. Em 64 ou 65, a cidade já tinha cerca de 50 aparelhos de televisão. Era escolher o vizinho e pedir licença. Na casa de Milton Neves nunca houve televisão.

Milton era um dos maiores "caras de pau". Se para ouvir rádio já ficava no vizinho até onze, meia-noite, com a TV o horário se expandiu. Ele não queria perder sequer um videoteipe.

Certo dia, a Tupi anunciou o teipe de Santos e Prudentina para a meia-noite. Meia-noite e quinze, Gerdy Gomes entra no ar e anuncia um "pequeno atraso" na chegada do caminhão com o tape. Enquanto isso, a emissora ia apresentar um faroeste com Randolph Scott.

Milton nunca mais esqueceu esse filme. Ficou até as duas horas da madrugada vendo Randolph Scott matar mais de mil índios com um único revólver. E o videoteipe não entrou. ■

Corria o ano de 93 e Milton Neves pela 3ª vez foi escalado pela Rádio Jovem Pan



TRADUÇÃO SIMULTÂNEA

para acompanhar a Macabla, em Telaviv. Entre os convidados do governo de Israel, estava o candidato do Partido dos Trabalhadores ao governo brasileiro, Luiz Inácio Lula da Silva. Durante o desfile das delegações, na noite de 10 de julho de 1993, às 20:44 horas, bom repórter que é, Milton não perdeu a oportunidade e driblando uma severa segurança que não permitia aos presentes da tribuna de honra do estádio sequer levantar da cadeira, foi sentar-se ao lado do político. E visando descontrair o "companheiro", Milton deixou

o microfone aberto no alto-falante do Estádio Ramatgan durante alguns minutos, captando a locução em hebraico, para arrematar: "e agora vamos ouvir a tradução do nosso comentarista Luiz Inácio Lula da Silva". O palavrão saiu baixinho só para Milton ouvir... Detalhe: no mesmo reservado estavam de Robert De Niro, Steven Spielberg e os célebres políticos israelenses: Itzhaak Rabin, Shimon Peres e Ezer Weizman. Além do brasileiro Marcos Arbatman, o "João Havelange Judeu".

RÁDIO PHILLIPS, UM GRANDE AMOR

O presente foi da tia Antônia, comprado na Casa Mazzili. O rádio marrom e bege, de capa de couro, foi embora numa faxina, em 1978.

A Bandeirantes era a emissora preferida de Milton Neves e seus amigos de Muzambinho. Mauro Pinheiro, Flávio Araújo, Ênio Rodrigues e principalmente Fiori Gigliotti eram seus ídolos. O primo Humberto vivia imitando narração esportiva. Até slogans ele reproduzia com perfeição. Aliás, Milton nunca mais esqueceu de um que o primo repetia o dia inteiro: "Firestone, máxima quilometragem por cruzeiro".

A paixão pelo rádio era tanta que um dia a tia Antonia juntou algumas economias e foi à Casa

Mazilli, de Domingos Mazzilli, primo do Ranieri, político que chegou a assumir transitóriamente a presidência da República, e lá comprou o primeiro rádio de Milton Neves.

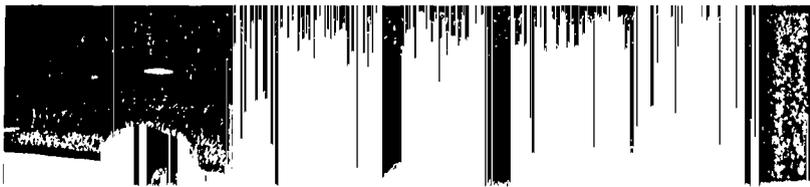
Aquele rádio Philips, marrom e bege, com capa de couro, foi o responsável pela profissão de Milton. Até hoje ele lamenta ter dado a relíquia, em 78, durante uma mudança de apartamento. Afinal, nele ouviu centenas de gols do Santos. Alimentou seu amor pelo veículo e curtiu sua tietagem pelos grandes locutores da época. Com Fiori

Gigliotti decorou o segundo slogan: "Lifeboy, o sabonete desodorante".

O banheiro da casa da tia era o seu estúdio. Ali ele narrava jogos imaginários e gritava gols.

"O BANHEIRO DA CASA DA MINHA TIA ERA O ESTÚDIO. ALI NARRAVA JOGOS E GRITAVA GOLS, IMITANDO O MEU ÍDOLU FIORI GIGLIOTTI."

Tão apaixonado era Milton Neves pelo rádio e pelo futebol, que escrevia para as emissoras e seus ídolos. Jamais esqueceu quando o repórter Marco Antonio, da Rádio Tupi, num 6 de agosto, incluiu seu



Estadual Professor Salatiel de Almeida, onde cursou o ginásio, Milton Neves jamais imaginava que um dia seria ele o recordista de cartas do rádio esportivo brasileiro.

Milton Neves recebe centenas de cartas por mês na Jovem Pan, sem ser locutor, comentarista ou repórter. Através de seu trabalho conseguiu incluir no seleto grupo de profissionais do rádio, a figura do Apresentador Esportivo, agora utilizado em quase todas as principais emissoras do País. Ele inventou o âncora esportivo no rádio.

Faz questão de responder

"GRAÇAS A DEUS RECEBO CARTAS DEMAIS E RESPONDO TODAS. PAGO SELO, ENVELOPE E FUNCIONÁRIO. JÁ MANDEI MAIS DE 400.000 CARTAS-RESPOSTA (40% COM ADESIVOS) EM 25 ANOS DE CARREIRA NA PAN."

todas, pagando selo e envelope. Cartão de Natal, manda tanto quanto recebe: 500 por semana no mês de dezembro. Só de adesivos dos 4 maiores clubes de São Paulo, que criou e patrocinadores imprimiram, Milton Neves já enviou por volta de 200.000 colantes. ■



1968: O locutor começando em Muzambinho-MG. 14 anos depois Milton Neves inventaria o Âncora Esportivo do Rádio.

SEMPRE ALERTA

O maior impasse na vida profissional de Milton Neves ocorreu em razão do boato da morte de Djalmá Santos, lateral bicampeão mundial de seleções. A notícia começou a "pipocar" em algumas emissoras num domingo à tarde, em 1973, durante a transmissão do campeonato brasileiro daquele ano. Osmar Santos estava no Mineirão, Joseval Peixoto em Curitiba, no Belfort Duarte e Edegar Annuseck no Pacaembú. Cauteloso, Milton esperou a segunda, terceira, quarta notícia até que Ruy de Moura,

plantão da Rádio Gazeta, deu com precisão o local e a hora do acidente e ainda pediu para algum ouvinte cobrir "o cadáver" na Via Dutra com a bandeira do Brasil. Milton então pediu licença ao narrador Osmar Santos e entrou no ar com tudo: "confirmado, morreu Djalmá Santos, o grande lateral bicampeão, uma pessoa de grande caráter e jogador irrepreensível e tal". Em seguida todos os membros da equipe apressaram-se em também prestar sua homenagem ao ex-jogador. Quase imediatamente,

porém, e demonstrando a força da Jovem Pan, toca o telefone do estúdio e Djalmá Santos, em pessoa, do outro lado da linha, reclama com seu jeito simplório: "Pô, não se pode nem jogar uma partidinha de sinuca sossegado? Eu tô vivo, ô meu... Milton foi suspenso por cinco dias pelo diretor Fernando V. de Melo. "A noite os teipes da Bandeirantes e da Gazeta com Fernando Solera e Peirão de Castro tiveram cerca de 15 min. sem som. Foi o tempo das homenagens dedicadas à história do morto".

UMA VOZ NA QUERMESSE

O destino escolheu "Mirtinho Bolão" para testar o equipamento de som. Depois daquele dia ele nunca mais largou o microfone.

Na metade da década de 60, Muzambinho ainda não tinha sua emissora de rádio. A comunicação na cidade era feita via serviço de alto-falante. Dois deles disputavam a preferência da população. Uirapuru e Equipe Legal. O primeiro era dirigido por Zé Antonio Araújo e o outro por sete amigos, colegas de colégio.

Corria o ano de 66 e numa noite de quinta-feira, como fazia costumeiramente, Milton Neves vestia sua melhor blusa, de banlon, tecido da moda, para o "footing" da avenida Dr. Américo Luz. Sim, Muzambinho já tinha inovado. Seu "footing" não era mais circular, na praça principal. A avenida era mais bonita e ganhou dois corredores, um demoças, outro de rapazes, um grupo em cada sentido, ida e volta, na mesma

"O NOTICIÁRIO A GENTE PEGAVA NO ESTADÃO QUE CHEGAVA NA JARDINEIRA PELO EXPRESSO CACONDE. QUANDO CHOVIA, A JARDINEIRA DE CACONDE ATRASAVA, E O NOTICIÁRIO SÓ ENTRAVA À NOITE."

calçada.

No meio dessa sessão de paquera explícita, o destino

determinou o rumo da vida de Milton Neves.

Benedito Dino, enroscado em cabos e fios, montava sua parafernália no "Cinema da Irma", preparando o sistema de som para a tradicional quermesse da cidade no mês de junho. O país preparava-se para empurrar sua seleção na Copa da Inglaterra, na tentativa do tricampeonato. A preparação de 58, já havia sido ali perto, em Poços de Caldas. A CBD (sigla da CBF na época), havia convocado 45 jogadores e os dividiu em quatro times. Em Muzambinho e em todo Brasil todos sabiam: o time titular era aquele que tinha Pelé.

Mas voltando ao Dito Dino e ao destino, quando ele terminou de ligar todos os seus fios, saiu à porta do cinema para escolher alguém que fosse ao microfone testar o som. Bem nessa hora passavam "Mirtinho Bolão" (apelido de Milton na cidade)



1975:
Namoro na praça da cidade



Uma curta carreira de técnico

e seus amigos. Dito Dino o chamou e ali começava uma das mais brilhantes carreiras do rádio esportivo brasileiro.

Apesar da paixão pelo rádio Milton Neves nunca havia se visto frente à frente com um microfone. Timidamente, se é que se pode



Seleção Brasileira treinando em Poços de Caldas

tímido com o vozeirão que Deus lhe deu, Milton de improviso comunicou a chegada da quermesse.

Preocupado só com o som, Dito Dino nem prestou atenção no vozeirão de Milton Neves, dispensando-o sem cerimônia assim que acertou a sintonia de sua aparelhagem.

Para os amigos, entretanto, a performance de Milton Neves não passou em branco. Os muitos elogios fizeram Milton pensar bastante, tomar coragem e voltar à porta do cinema para pedir mais um tempo no microfone de Dito Dino. Depois de muita resistência, Dito entregou o

"A SELEÇÃO TREINAVA EM POÇOS DE CALDAS PARA A COPA DA INGLATERRA. TINHA 45 JOGADORES EM QUATRO TIMES. O TITULAR, ERA O QUE TINHA O PELÉ."

microfone e teve que repetir o gesto várias vezes, ante a insistência do rapaz.

Além de tomar gosto pela coisa, Milton foi enraizando a idéia de se tornar locutor profissional. Dois meses depois, devido aos comentários na

cidade, acabou convidado para integrar a equipe da recém-criada rádio Continental de Muzambinho, inaugurada por Zé Antonio de Araújo, dono de um dos serviços de alto-falante, William Lemos, Paulo Ferreira Carvalho e ninguém menos que Benedito Dino, agora seu velho conhecido. O local, claro, foi o prédio do Cinema da Irma.

Clandestina, a rádio tocava música e dava o noticiário que vinha no "Estadão" trazido pela Jardineira, depois que ela vencida o trecho de terra da estrada Caconde SP - Muzambinho MG. Quando atrasava a Jardineira, atrasava o noticiário. ■

O SÓCIO

O ponta-direita Faustino da Ferroviária e do São Paulo F. C. da década de 60, morreu assassinado há algum tempo. Muita gente sabe disso, principalmente os jornalistas esportivos. Claudio Carsughi, porém, na noite de 14/03/92 encontrou, no restaurante Paulista Grill, da Rua João Moura

nº25 em Pinheiros / Capital, um cantor, da noite que garantia ser Faustino. Carsughi acreditou e encaminhou o assunto a Milton Neves. Com o aval do sério companheiro Milton colocou o "cara" no ar, que contou muitas histórias do futebol, como se as tivesse realmente vivido. A entrevista já durava muitos

minutos quando o comentarista Waldo Braga ligou para Milton e advertiu: "tira esse louco do ar porque o Faustino morreu mesmo. Eu fui no enterro". Já Carsughi dá de ombros "é eu me enganei". Milton Neves confessa que no rádio já fez de tudo: até matou o Djalma Santos e ressuscitou o Faustino.

UM SUCESSO DE 12 ANOS

Convidado para assumir a vaga do Show de Rádio, tremeu e ficou uma semana sem dormir. Não sabia que aquilo iria mudar a sua vida.

Até 78 o Plantão sofria discriminação nas emissoras de rádio. Para se ter uma idéia, no Jornal de Esportes, programa criado em 75, Milton Neves só foi autorizado a entrar quando faltava alguém, e assim mesmo apenas para ler o placar. Era proibido de fazer perguntas.

Milton foi quebrando barreiras com sua humildade e perseverança. Muitas vezes escrevia a pergunta que queria fazer num pedaço de papel e ficava dependendo da autorização de Cândido Garcia, diretor do programa, para fazê-la, no ar.

Mas como dizíamos, 78 foi o ano de redenção de Plantão. A Pan criou o Plantão do Domingo, das 10 às 15 horas, sob o comando de José Nello Marques. O horário virou nobre, com

um grande nome no comando. Num domingo em que seria "estepe" do Zé Nello, Milton Neves começou a ganhar definitivamente o seu lugar.

Antonio Augusto Amaral de Carvalho, o Tuta, diretor da rádio, e pai profissional de Milton Neves, gostou

"ATÉ 78 O PLANTÃO AINDA ERA DISCRIMINADO. PRÁ FAZER PERGUNTA EU TINHA QUE ESCREVER NUM PAPEL E FICAR ESPERANDO AUTORIZAÇÃO DO CÂNDIDO GARCIA."

muito do estilo de Milton. Induziu Fernando Vieira de Melo a pedir opiniões dos colegas. A de Narciso James foi definitiva: "José Nello Marques é muito bom, mas Milton Neves é melhor".

Por tudo isso é que em 82, quando a Pan sofreu um "abalo sísmico" com a saída inesperada do Show de Rádio, que no meio da Copa da Espanha transferiu-se para a Bandeirantes, Milton Neves era a solução natural para todo mundo na rádio, menos para ele mesmo.

Com dez anos de

casa, a vida melhorando, apartamento próprio, mesmo que financiado, Milton Neves seguia tranquilo. Tinha casado em 78 com a dentista Lenice, a namorada de Muzambinho que um dia havia o largado por falta de perspectiva, e trabalhava no que gostava. Prá que mais?

Tuta o chamou em sua sala e determinou: para agradar os anunciantes que reclamam da saída do Show de Rádio, e o público carente de um complemento da transmissão esportiva, vamos fazer o Terceiro Tempo. Muita entrevista, reprise de gol, jogadores ao vivo. Você vai comandar".

Milton tremeu, e quis recusar. Alegava não ter condições de fazer aquilo sozinho, era muita responsabilidade. Tuta não aceitou qualquer tipo de argumento. Dobrou seu salário, dispensou-o do noticiário do trânsito e marcou a data de estréia do programa.

Milton ficou uma semana sem dormir pensando nas palavras de Tuta, e ainda tinha algumas resistências. Randal Juliano, por exemplo, comentarista de renome, tentou recusar-se a responder "perguntinha de plantãozinho". Por ordem de Tuta, ele e todos os outros integrantes da equipe responderam. Mas Milton Neves guarda ótima lembrança de Randal Juliano. "Ele e Orlando Duarte me deram bons conselhos".



Com os companheiros da Jovem Pan

O 3º Tempo foi entrando na intimidade dos jogadores e dos ouvintes. Num jogo do Corinthians, o escuta da Pan Luiz Carlos Abib conseguiu em Campinas, por telefone o choro do bebê Adnã, primeiro filho do jogador Zenon. No ar, Milton

Pinheiro, também dizia o mesmo.

Com seu jeitão manso, Milton sabe que polêmica dá audiência. Várias vezes colocou adversários na escuta, simultaneamente. Zagalo, entrevistado por Cândido Garcia, e Carlos Alberto Torres, com Wanderlei

Folha no 25 de prec.
Nogueira Entraram numa discussão
ao vivo, provocada por Milton Neyes,
que trouxe junto com os comentários
do público, muitos pontos no bope.
Ass. Téc. Direção 1
Foi numa pergunta feita numa 4ª feira
à noite, Pacaembu em 1985:
Corinthians 1 x 1 Flamengo. ■





Zenon (esquerda): ouvindo o choro do filho

"O Randal Juliano se rebelou e disse que não ia responder perguntinha de plantãozinho. Por ordem do Tuta, ele e os outros tiveram que responder."

Neves, deu a notícia do nascimento e pôs a voz do bebê. Debaixo do chuveiro, Zenon misturou com a água uma cachoeira de lágrimas.

José Italiano, o "Garganta de Aço", já falecido, profetizou que o 3º

MESTRE DE CERIMÔNIAS

Novembro de 1993, The Gallery, São Paulo. Prêmio Colunistas Promoção, o mais importante do mercado publicitário. Mestre de cerimônias: Milton Neves. Março de 1971, uma festa de

formatura em Muzambinho. Mestre de cerimônia: Milton Neves. A diferença, é que 22 anos antes, a apresentação de eventos era o único ganha-pão de um jovem reprovado no vestibular de Odontologia e nos concursos do Banco do Brasil e da Petrobrás em Campinas.



DEUS FOI BOM DEMAIS COMIGO

O 3º Tempo dignificou e valorizou o discriminado profissional de estúdio. Hoje, estudantes identificam no plantão a figura do âncora do rádio.

Se valeu a pena?

Caso nascesse de novo, Milton Neves queria que fosse em Muzambinho. Para ele, Deus foi bom demais. Fez amigos, trabalha em rádio, casou com Lenice e tem três filhos maravilhosos: Rafael, Fabio Lucas e Milton Neves Netto.

Há 23 anos não sabe o que é o domingo com a família, a não ser quando está em férias. Mas também acha que domingo sem o 3º Tempo é

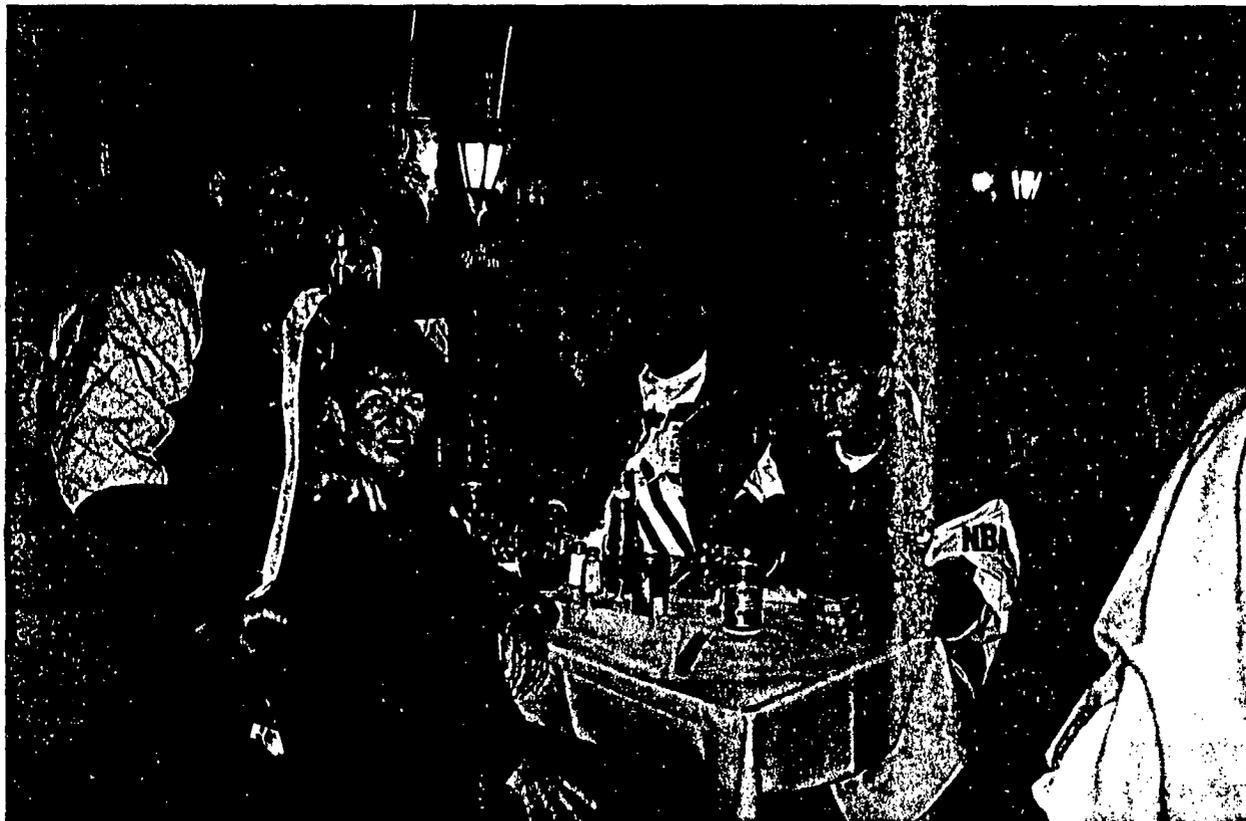
domingo triste.

O programa já ganhou 246 prêmios em seus doze anos de vida, de

"SE EU NASCER DE NOVO, QUERO QUE SEJA EM MUZAMBINHO. YOU FAZER TUDO OUTRA VEZ. CASAR COM A LENICE E TER MEUS TRÊS FILHOS, RAFAEL, FÁBIO E MILTON. E ENTRAR NA JOVEM PAN."

homenagens de prefeituras, torcidas, até Bolas de Ouro, APCA, Ford - ACEESP. Melhor Programa, Melhor Plantão, Melhor Apresentador, são alguns dos títulos que recebeu.

Mas Milton Neves acha mais importante ter dignificado a figura do profissional de estúdio. Hoje já existem jovens estudantes, amantes do rádio, que querem ser apresentadores. Rádios importantes como Bandeirantes e Globo, resistiram e demoraram 10 a 12



Dona Lenice, Miltinho, Fábio e Rafael: a família em Nova York



Terceiro Tempo: o mais premiado

anos, respectivamente, para criar os seus programas pós-jogo.

Além de sucesso de público, o 3º Tempo é também um sucesso comercial. Levou faturamento para a emissora, tem anunciantes de peso, como Bradesco, Pompéia Veículos, Freios Varga, Fios Lousano, Ipiran-

ga/Atlantic, Pirelli, Fários Cibié e um anunciante que ficou 10 anos no ar, aliás o primeiro: Rede Zacharias de Pneus, o uooooótimo!

Foi com esse anunciante que Milton descobriu a força da propaganda. Um dia, trocando os pneus carecas da Caravan 71, ouviu um elogio ao 3º Tempo de um senhor que tomava café ao seu lado. Descobriu, quando foi pagar a conta, tratar-se de Ademir Lopes Parra, diretor da Zacharias.

Ao saber que falava com Milton Neves, Ademir o levou ao escritório, providenciou

um desconto e pensou bem quando ele disse que a Zacharias só tinha um defeito: não anunciava na Jovem Pan. Imediatamente encaminhou-o a Luiz Antonio Piccolo, responsável pela publicidade da empresa.

Na primeira reunião, marcada para a seted da manhã, Milton descobriu

Folha no 27 de proo. n.º 29 de 1990
 que publicidade também era coisa seria.
 Chegou as outras reuniões não foi recebido
 Na outra reunião chegou uma hora
 Vendeu o patrocínio e viu no fim do mês uma comissão maior do que seu

"O 3º TEMPO JÁ GANHOU 246 PRÊMIOS. MELHOR PROGRAMA, MELHOR PLANTÃO, MELHOR APRESENTADOR. AS OUTRAS RÁDIOS DEMORARAM PARA COPIAR. FIQUEI FELIZ: A IMITAÇÃO É A MAIOR LISONJA".

salário. Dono da Terceiro Tempo Rádio Publicidade, hoje Milton não só negocia espaços no rádio como também cria slogans e grava spots para seus clientes. Como Schincariol, Bradesco, Swift, Cantareira, Conprof, Lousano, Varga, Caltabiano, Giorgio Nicoli, Copel, Masbra, Cibié, Ilustre, Madeirense, Artevidro e Consórcio Nacional Fiat.

Com tudo isso, Milton Neves, maior estrela de estúdio do rádio esportivo brasileiro em todos os tempos, continua sendo uma pessoa feliz. Pelo menos até que um novo desafio lhe surja à frente.

ESCONDE - ESCONDE

O plantão esportivo da Jovem Pan agitou o centro de imprensa da Copa dos Estados Unidos. Milton Neves não queria deixar escapar nenhum figurão do futebol internacional sem entrevistar. E muitos deles, ex-jogadores famosos, enfrentavam o Fairpark Dallas Center como comentaristas de emissoras de rádio e televisão de vários países. Alfredo Di Stefano, como não poderia deixar de ser, era um dos mais assediados. Para ele, apenas um assunto era tabu: a briga com o brasileiro Didi no esquadrão do Real Madri, que ambos integraram no final da década de 50 e início dos anos 60. Comentarista da Rádio América, de Caracas, o

amargo e mascarado Di Stefano fugiu de Milton o quanto pôde, até ser alcançado. Pela primeira vez ele falou do "boicote" a Didi em entrevista. Depois, nem cruzava mais o caminho de Milton Neves, que queria fazer só mais uma perguntinha: "por que o Real Madri nunca jogou a revanche com o Santos de Pelé, mesmo sendo considerado na época um esquadrão a altura do bicampeão mundial de Vila Belmiro? . . . Para Luiz Carlos Quartarollo e Nilson

César da Jovem Pan, "Di Stefano pode ter sido um gênio da bola, mas hoje parece ter ódio do mundo".

